

# “Todos estão morrendo”: Mianmar à beira da dizimação

Via [Asia Times](#)

Há dois dias, passei seis horas em aplicativos codificados com contatos dentro do país tentando localizar um – apenas um – concentrador de oxigênio para a mãe de meu amigo, a quem chamarei de “Ma Moon”.

A taxa de saturação de oxigênio de sua mãe havia caído precipitadamente em um dia de 95 para 70.

Não tenho certeza disto – nestas circunstâncias, sabemos que não podemos fazer esta pergunta – mas acho que a família está sendo tratada diariamente por médicos que “passaram à clandestinidade” em uma campanha de desobediência civil.

Os profissionais médicos estão entre os indivíduos mais respeitados do país e, portanto, sua decisão de se opor ao golpe militar de 1 de fevereiro que derrubou o governo civil eleito teve um peso imenso entre a população.

Uma estimativa fornecida por especialistas em saúde pública em Mianmar prevê que 50% dos 55 milhões de pessoas de Mianmar serão infectadas dentro de três semanas pela variante Alfa ou Delta do Covid-19.

Um especialista em saúde pública de grande reputação espera que a população seja dizimada por pelo menos 10-15 milhões de pessoas até o momento em que a Covid terminar com Mianmar.

Enquanto isso, a própria Ma Moon, que sofre de uma grave condição de co-morbidade, e sua família estão todas positivas para Covid e sintomáticas.

No entanto, a família de Ma Moon ousou quebrar o toque de recolher dos militares há duas noites para dirigir por todo o

Yangon perseguindo as indicações do Facebook sobre possíveis concentradores de oxigênio para venda.

No final, eles encontraram um, mas de uma forma tão desoladora. Ele chegou às 2 da manhã, quando todas as partes envolvidas poderiam ter sido presas por quebrar o toque de recolher. Os muitos telefonemas que todos nós tínhamos feito levaram a uma resposta de uma família destituída, cujo patriarca acabara de morrer.

O compressor de oxigênio foi dado à família de Ma Moon, com apenas uma exigência de que ele fosse passado gratuitamente para a próxima vítima, quando não fosse mais necessário.

Outros amigos, totalmente desesperados, fizeram acordos para “compartilhar” concentradores de oxigênio – colocando seus familiares mais doentes em oxigênio comprimido por algumas horas, depois devolvendo o dispositivo a outro paciente muito doente por suas poucas horas para esperar pela sobrevivência.

E todos rezam pela possibilidade remota de poderem reabastecer os tanques de oxigênio no dia seguinte.

Em abril, deixei Myanmar depois de assistir aos funerais de quatro jovens mortos em minha enfermaria. Já os tiros disparados durante os cruéis ataques noturnos do exército a edifícios de apartamentos civis haviam começado a atingir meu prédio de condomínio.

Agora na Tailândia, recebo mais de 200 textos criptografados por dia de amigos de lá. Até a semana passada, a maioria estava promovendo resistência armada e política ao golpe. A “Responsabilidade de Proteger” e a “No Fly Zone” surgiram repetidamente.

Agora, 100% dos textos são apelos desesperados por assistência médica e uma intervenção humanitária internacional. “Precisamos de ajuda”, leram tantos postes de mídia social e sinais de protesto flash nos dias de hoje.

Eles não precisam de ajuda no futuro. Eles precisaram dela ontem.

Tenho trabalhado em e sobre Myanmar por mais de 30 anos. Todos que conheço estão infectados ou cuidando de uma pessoa infectada. Nenhum hospital aceita mais pacientes, nem mesmo os particulares mais caros.

Alguns dos infectados por Covid morrem nos degraus em frente aos hospitais que os rejeitam. Sem dúvida, eles não são testados, com certificados de óbito provavelmente lendo "pneumonia" como causa de morte.

Os trabalhadores da saúde, que iniciaram a desobediência civil contra o golpe em 2 de fevereiro, estão fazendo o que podem da "clandestinidade".

Mas ainda assim, máscaras C95 e N95 e EPI são impossíveis de se obter, apesar dos contêineres cheios deles no porto de Rangum, onde o Departamento de Alfândega não os liberará.

Mais horrivelmente, não há oxigênio no país, ou melhor, não há oxigênio, mas somente os militares o recebem.

Não é preciso ser um epidemiologista, estatístico ou economista para ver para onde isto vai. O sistema de saúde pública, na medida em que ainda exista, entrará em colapso total, a este ritmo de infecção, provavelmente dentro de duas semanas.

Como isso vai parecer diferente de agora? Provavelmente, cadáveres. Em todos os lugares.

Como todas as fomes da história, e como o enorme número de mortos de Covid nos Estados Unidos, a miséria de Myanmar é quase inteiramente um problema político.

Uma luta de elite entre os líderes do exército e o governo civil legitimamente eleito levou ao golpe de Estado de 1º de fevereiro.

A erupção da desobediência civil e da resistência armada parece ter sido inesperada pelo líder do golpe, o comandante-chefe militar Min Aung Hlaing, General Sênior.

Sinistramente, desde maio, tem havido uma explosão de milícias de contra-resistência realizando assassinatos de adeptos pró-democracia, de esquerda e direita.

E então chegou a variante Delta do Covid-19. E há dois dias, quando lutamos para ajudar sua mãe, Ma Moon disse muito suavemente sobre um aplicativo criptografado: "Todos estão morrendo".

O que seria necessário para salvar os dez milhões de vidas de Myanmar que provavelmente serão reclamadas pelo Covid?

Como o aclamado veículo de notícias local, Myanmar Now, argumenta, "uma intervenção humanitária sem precedentes" no país mais politicamente, geopoliticamente, socialmente e economicamente mais frágil da Ásia.

Nos últimos dias de reportagem da mídia estatal sobre os discursos do chefe da junta, ele claramente não tem intenção de pedir ajuda a ninguém, a não ser a seu bom amigo, o Ministro da Defesa russo Sergey Shoigu.

Até mesmo a Rússia só pode oferecer uma gota de vacinas Sputnik não aprovadas pela OMS, provavelmente em muitos lotes de 10.000, chegando não durante meses, mas anos, e provavelmente a um grande custo.

A China está ocupada em escorar e estender uma cerca eletrificada na fronteira que Donald Trump iria babar; ela já se estende por 500 quilômetros a leste e oeste do maior posto comercial da fronteira China-Myanmar.

A China fechou todos os postos de fronteira, mas também implantou equipes de teste e tratamento Covid em algumas áreas remotas controladas por grupos étnicos para vacinar a todos.

Nessas áreas, os recém-chegados são testados, colocados em quarentena e depois vacinados.

E quanto às Nações Unidas? Ninguém quer dizer isto, mas a equipe de mais de 20 agências da ONU no país está totalmente superpujada pelo que enfrenta. E na medida em que essas agências estão empenhadas em salvar vidas em Mianmar, elas são prejudicadas pelas normas legais internacionais em torno da soberania.

Com a Rússia e a China no Conselho de Segurança da ONU, o necessário mandato do direito humanitário internacional de uma resolução para empreender uma intervenção militar contra uma junta em abnegação não acontecerá.

A Associação para as Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) tem se mostrado até agora bloqueada em Myanmar, tendo acordado com Min Aung Hlaing uma resposta de cinco princípios para as múltiplas crises no país em 24 de abril, que foi totalmente ignorada pela junta em Naypyitaw.

E o resto do mundo? Como um dos manifestantes leu na semana passada, “Se não agora, quando? Se não for você, quem?”

Não parece haver urgência em torno da devastação maciça que está sendo provocada pelo golpe militar, a crise econômica e a propagação logarítmica de Covid entre uma população que nunca teve uma saúde adequada.

A mãe de Ma Moon morreu em seus braços esta manhã. Agora o corpo de sua mãe se junta à longa fila de caixões no crematório. Não tendo a confirmação do Covid-19 por um laboratório governamental, ela não contará nas estatísticas diárias de casos positivos ou mortes por Covid.

Mas para Ma Moon e para mim, ela contou.